

## Ética e sociedade tecnológica segundo a filosofia de Ortega y Gasset

*Ethics and technological society according to philosophy of Ortega y Gasset*

Prof. Dr. Arlindo Ferreira GONÇALVES JR.  
Faculdade de Filosofia – PUC-Campinas

---

### Resumo

Trata de explorar a filosofia de Ortega y Gasset, em particular nos escritos em que expõe suas considerações sobre a noção da técnica, e sua crítica à sociedade de massas. Parte-se da idéia de homem como programa vital e da técnica como sua realização ética. O ponto central para compreendermos o processo de desmoralização que a cultura sofre com as transformações tecnológicas se baseia na idéia de "crise dos desejos".

**Palavras-chaves:** técnica, ética, Ortega y Gasset, raciovitalismo.

---

### Abstract

*It treats to explore the philosophy of Ortega y Gasset, in particular in the writings where it displays its considerations on the notion of the technique, and its critical one to the society of masses. It has been broken of the idea of man as vital program and of the technique as its ethical accomplishment. The central point to understand the demoralization process that the culture suffers with the technological transformations if bases on the idea of "crisis of the desires".*

**Keywords:** technique, ethics, Ortega y Gasset, raciovitalism.

### Introdução

Pretendemos abordar o tema da técnica e tecnologia na obra do filósofo espanhol Ortega y Gasset, identificando suas implicações éticas para a sociedade contemporânea. Suas considerações à cultura tecnológica o faz figurar como um dos autores que se destacam no plano da crítica, seja pela abordagem, seja pela atualidade. Neste sentido objetiva-se recuperar e analisar os argumentos de Ortega y Gasset, em particular nas obras em

que expõe suas considerações acerca da técnica, e demonstrar como tal reflexão, radicada no plano ontológico da vida humana, assinala para a necessidade de um humanismo ético como fundamento para a sociedade tecnológica. A noção de humanismo tecnológico emerge na identificação do homem com a técnica, ou seja, da vida humana como fabricação de si mesma. É neste sentido que a técnica, segundo a interpretação orteguiana, está associada à existência humana e, portanto, ao "si-mesmo". O homem moderno – entendido aqui

como ocidental – não tem claro seu “si-mesmo” e falta-lhe imaginação para inventar o argumento originário de sua própria existência. Este niilismo dramático evidencia uma crise na qual este conjunto de atos específicos humanos chamados “técnica”, perde seu caráter de meio de realização assumindo um fim em si mesmo, se sobrepondo ao próprio programa vital. Pode-se dizer que a descaracterização ou o distanciamento que se impõe entre o homem/sociedade e a técnica/tecnologia produzida, recai precisamente na perda de auto-compreensão. Suas análises seguem tendo vigência, sobretudo nas considerações acerca da “sobrenatureza” e das necessidades artificiais – categorias que integram a atual sociedade da informação. Bem como, seu exame suscita uma discussão entre a transformação tecnológica da própria cultura ocasionada pelo que denominou de “crise dos desejos”. Deste modo buscaremos demonstrar que as “meditações” em torno ao tema da técnica são pertinentes para a compreensão das problemáticas geradas pela “desumanização” da sociedade tecnológica contemporânea.

Na primeira parte faremos uma breve aproximação ao tema da técnica/tecnologia especificando suas implicações éticas, bem como sua relação com a sociedade. Na segunda parte apresentaremos a noção da técnica à luz do pensamento de Ortega y Gasset, seus argumentos e pressupostos, expostos na obra “*Meditación de la técnica*”. Na terceira parte será analisada a concepção de ciência, esta compreendida como forma avançada da técnica moderna, e seu reflexo na sociedade contemporânea. Abordaremos de modo sistemático as seguintes obras de Ortega y Gasset: “*Rebelión de las masas*”; “*En torno a Galileu*”.

## 1. Aproximação preliminar do conceito de técnica:

O termo grego **techné** corresponde ao “saber fazer” ou “ofício” que envolve um conjunto de habilidades, de atividades criadoras e manipula-

doras da matéria, visando atender de forma sistemática a um determinado fim. Não obstante corresponder aos conceitos de método e de arte (ars) - como já assinalava Aristóteles ao contrapor os saberes teórico e o prático ao da poiésis, e indicar que este último refere-se a produção artificial - a especificidade da técnica decorre desta ser uma “atividade prática enquanto utiliza uma ou mais leis naturais, de modo que a verificação destas valha como resultado da própria atividade” (VITA, 1963, p. XVI). Corresponde por conseguinte à uma dimensão humana em forma de atributo procedimental de realização sobre a própria natureza não de forma desinteressada como a epistême e tão pouco da mera experiência volitiva.

A expressão “ars mechanica” tomou lugar já na idade média substituindo o sentido grego do termo, o que instaurou um significado particular referente à “técnica”. Porém, os primórdios da reflexão da técnica estão na idade moderna com a *Encyclopédie* francesa (MORA, 2001, p 2821), pois foi o momento em que se aliou a noção de técnica mecânica à ciência originando o que seria considerado posteriormente de tecnologia em sentido amplo. O advento e evolução técnica como meio de realização e princípio da ciência, trouxe à luz uma questão que se mostrou fundamental na sua constituição como produto das realizações humanas: a alienação. Neste sentido acentuam-se as relações de dependência e subordinação, tomando-lhe o lugar autêntico de sujeito criador, e impondo uma nova noção de desenvolvimento que prevalece para o homem moderno.

Associada a própria formação direta do processo civilizatório, o “mito” da técnica é formulado como a própria emancipação do homem em relação à natureza, possibilitando o advento antropológico do homo sapiens, e o desenvolvimento da racionalidade. No que se refere à sua compreensão e análise, pode-se associar o conceito de técnica a diferentes áreas tais como as próprias ciências sociais e econômicas.

Se a técnica para o homem contemporâneo está associada intrinsecamente à ciência, como re-

sultado de um processo que se desenvolveu desde o século XVII somando o racionalismo, o método científico, e as determinações econômicas da produção capitalista, cabe ressaltar as problemáticas provenientes dessa conjugação. Sobre essa gênese Edgar Morin ressalta a relação entre a técnica de manipulação e o desenvolvimento das ciências experimentais que se estabelecem em um único processo: “o método experimental é um método de manipulação, que necessita cada vez mais de técnicas, que permitem cada vez mais manipulações”. (2001, p. 56)

São particularmente duas as áreas da filosofia que se ocupam com as consequências trazidas ao homem e à natureza do que pode-se chamar de tecnociência ou simplesmente tecnologia: a ética e a epistemologia. Dentre os questionamentos podem-se assinalar aqueles que buscam a compreensão da dinâmica própria da ação científica para conciliá-la com a ética: a ação científica é eticamente neutra? Ao se basear em fatos, tem a ciência de comprometer-se com valores? O juízo moral pode ter uma justificação científica? Dentre estes se destacam os que assinalam para a relação entre evolução científica e progresso moral, uma vez que expressam cada vez mais na história contemporânea uma tensão dialética porém necessária, como indica Dominique Janicaud<sup>1</sup>:

Cada novo progresso técnico, pensando bem, é inelutável, é também portador de resistências humanas, e o papel a cultura, se ela tem um sentido, é dar voz a esse protesto, sem se deter forçosamente no que ela tem de mais regressivo, mas permitindo aos homens expressar esses problemas que, com muita frequência, não dominam nem entendem. Não se pode e não se deve imaginar uma humanidade [...] que seja adaptada a todo instante a todo progresso técnico. (In: SCHEPS, 1996, p. 211)

É por meio da abordagem filosófica que a identificamos como o uso apropriado da projeção intelectual a fim de sublevar-se frente à espontaneidade, ou seja, enquanto um caractere humano que exterioriza intenções valorativas. O escopo dos atos técnico visa a realização autêntica do homem, que deve ser, neste sentido, ético. A concepção da técnica na tradição moderna como simples meio de realização resultou na insubstituível descaracterização e dissolução desta como detentora de moralidade, e a alijou da constituição humana. E este é o problema que se apresenta efetivo na filosofia contemporânea, a saber, a conciliação da técnica e da ciência como expressão humanista.

## 2. A ontologia da técnica segundo Ortega

Porque tivesse pressentido a problematização que viria a ser recorrente iniciada na segunda metade do século XX, e com propriedade crescente nos tempos atuais, Ortega y Gasset nos oferece uma reflexão original sobre o conceito da técnica, sobretudo quando a fundamenta a partir da realidade radical da vida humana. Anteviu em particular a necessidade de redefinir-se, posto seu distanciamento promovido pela inserção desmesurada da ciência, tornando-a artificial a ponto de não oferecer ao homem a possibilidade de reconhecer-se naqueles que se fazem os meios para que coexista com as circunstâncias e suas necessidades. A técnica, imbricada com a noção de desenvolvimento, postulada como tecnologia no Ocidente contemporâneo se sobrepõe como fim em si mesma, sobre-humana. Em torno das vicissitudes da técnica é que a obra orteguiana contribui com grande mérito e atualidade, enquanto crítica à sociedade tecnológica.

Intitulada “Meditação da Técnica”, baseada em um curso apresentado no ano de 1933

<sup>(1)</sup> Professor na Universidade de Nice e diretor do Centre de Recherche d’Histoire des Idées, é autor de importantes obras que destacam as críticas filosóficas das tecnociências, como: *La puissance du rationnel* (1985); *Les pouvoirs de la science* (1987); *Des techniques à la technoscience* (1991).

na Universidade de Verão de Santander<sup>2</sup>, por ocasião de sua inauguração, é a obra onde encontramos o tema da técnica mais amplamente trabalhado à luz do pressuposto ontológico raciovitalista, e que passamos agora a apresentar.

○ que é a técnica? Com a problemática definida, sugere Ortega y Gasset o método de sucessivas aproximações para sua compreensão, sendo que a primeira delas parte de um plano ontológico e pretende estabelecer sua relação estrutural com as noções de necessidade e natureza. Busca caracteriza-la como um modo peculiar do repertório humano assinalando-a como um conjunto de quefazeres específicos.

○ tema da necessidade constitui para Ortega y Gasset a primeira via para compreensão stricto sensu da idéia de técnica. Em seu sentido vital, a necessidade se apresenta como impulso primordial que mobiliza a vontade na sua orientação objetual. Este truísmo migratório se dirige à circunstância e exige um procedimento específico na sua interpelação, que se origina em um plano reflexivo e se executa de forma transformadora sobre a natureza. A natureza é concebida em termos orteguianos como circunstância, ou seja, o não eu, que se impõe como a realidade para a qual converge minha necessidade. A técnica, ao transformar a natureza, ou seja, a circunstância, também transforma o homem, posto sua constituição de coexistência mútua: “eu sou eu e minha circunstância”. Quando se demonstra como “circunstância negativa, ou seja, enquanto fonte que afeta a plenitude da condição vital, exige do sujeito sua afirmação sobre tal realidade. ○ que determina a necessidade de intervenção à esta circunstância? Por que existe a não indiferença à necessidade que se apresenta? Ortega y Gasset exemplifica esta disposição da realidade, enquanto hostil, no evento

do “sentir frio” como ameaça de aniquilamento. ○ que determina o conjunto de ações que resultem no fato de se evitar o “sentir frio”, é, em última instância, a própria necessidade de viver. A explicação recorrente para esta necessidade de afirmação do ser está na noção de instinto de sobrevivência, que é contraposta dada sua insuficiência. A noção de instinto, segundo Ortega, além de ser imprecisa, não pode ser aplicada à homem de forma integral, já que este é governado por outras dimensões. Assim, ao criticar o argumento do determinismo instintivo – de apelo mecanicista e biologista – Ortega reitera a postura raciovitalista, e assinala a necessidade de conduzir a discussão para a especificidade humana, donde a noção de instinto perde seu posto na medida em que o homem dispõe de sua natureza, mesmo que factível, e não o contrário. Definido o campo de reflexão, cabe fixar à priori a idéia de que o homem se empenha em viver, ou seja, a opção em estar vivo estaria já implícita.

Uma necessidade conduz à outra no percurso de sua satisfação, o que define um conjunto de necessidades que exige, por sua vez, um repertório de atividades com as quais o homem deve dispor. As necessidades e satisfações humanas devem ser compreendidas na sua relação de condição natural para aquele viver. Sobre esta condição natural, explica Ortega: “o homem reconhece esta necessidade material ou objetiva e porque a reconhece a sente subjetivamente como necessidade. Mas note-se que esta sua necessidade é puramente condicional” (1977, p. 8-9). Nesta perspectiva o autor indica um substrato anterior às necessidades, e pelo qual deve ser um fim último, guiado por um ato de vontade, que é o próprio viver, como conclui: “este viver é, pois a necessidade originária de que todas as demais são meras conseqüências [...] A vida – necessidade das necessi-

<sup>(2)</sup> Posteriormente a estes escritos somaram-se artigos no periódico *La Nación* de Buenos Aires, de abril a outubro de 1935. Segundo Molinuevo, obteve-se finalmente um livro em 1939 “ante lalbor pirata de los editores de Chile, que recortaban esos artículos dándolos en forma de libro. Paulino Garagorri antepuso la Introducción al Curso para la edición de *El Arquero* (7ª Ed., 1977) que no aparece en las *Obras Completas*. Tenemos un original manuscrito de las lecciones, los artículos en *La Nación*, y la edición de Ortega de 1939 en genérico *Ensimismamiento y alteración*, que añade un cierre final del escrito” (2000, p. 06).

dades – é necessária apenas num sentido subjetivo simplesmente porque o homem decide autocraticamente viver” (1977, p. 9).

Certos repertórios de necessidades e de atividades do homem se assemelham a dos animais – aqueles que se orientem pelo uso de recursos já presentes e estão em função de satisfações diretas. Não obstante, o homem é o único capaz de inventar condições quando estas não se encontram como possibilidades, e para isso produz fazeres específicos com o escopo de transformação do dado circunstancial. O animal dispõe unicamente de um repertório primitivo de fazeres que o limita frente às imposições da natureza e que o encerra nas necessidades biológicas. A existência do animal, segundo o autor, “não é mais que o sistema dessas necessidades elementares que chamamos orgânicas ou biológicas e o sistema de atos que as satisfazem” (1977, p. 11). As considerações que nos põe em contato com a compreensão do universo dos recursos de satisfação do animal, são aqui de fundamental importância por ser o ponto de partida da reflexão que constitui a criatividade humana principalmente no que tange a dois pressupostos: a noção imperativa da vida e a determinação da natureza. O primeiro demarca o horizonte estritamente fisiológico do conceito da vida, e cabe lembrar que tal concepção permeia os fundamentos das teorias materialistas mecanicistas, e é precisamente destas posições que Ortega quer se distanciar quando propõe o constructo teórico da vida humana – posicionando-se, assim, notoriamente contra os reducionismos que caracterizam as primeiras décadas do séc. XX. Quanto ao segundo pressuposto, o autor indica que é precisamente na relação com a natureza (ou circunstância), no dado que pré existe e com a qual minha vida se encontra, que aquilo que é estritamente humano se revela, ou seja, a capacidade de recriá-la.

A vida humana, portanto não se esgota nas suas condições objetivas e conseqüentemente das necessidades que delas emergem. Dispõe o ho-

mem da capacidade de transcender à circunstância em que está submerso, pelo seu ensimesmamento, em um plano em que novos repertórios de quefazeres são projetados sobre a natureza para remodelá-la em função das necessidades. Os mencionados repertórios que preenchem estas finalidades compõem-se dos chamados “atos técnicos”, e seu conjunto é que define a própria técnica, que pode ser compreendida, conforme Ortega:

como a reforma que o homem impõe à natureza em vista da satisfação de suas necessidades. Estas, vimos, eram imposições da natureza ao homem. O homem responde impondo por sua vez uma mudança à natureza. É, pois a técnica, a reação enérgica contra a natureza ou circunstância que leva a criar entre esta e o homem uma nova natureza posta sobre aquela, uma sobrenatureza. (1977, p. 14)

Salienta-se a identificação da técnica como reforma ou reinvenção, e neste sentido não pode ser esgotada como meio de satisfação direta das necessidades; ou seja, a técnica não se refere a adaptação do homem ao ambiente que provoca suas necessidades, mas a imposição ao meio de converter-se ao sujeito. É, antes de tudo, um modo de ser do homem condicionado pela circunstância.

A técnica humana associa-se a outra espécie de necessidades, fora àquelas que são exigidas para o viver biológico. É o caso das necessidades supérfluas, em que a natureza é adaptada em função da necessidade fundamental do homem que se suplanta ao mero estar aí, mas necessita “estar-bem”. Ortega utiliza o exemplo do estado da embriaguez e as diversas manifestações artísticas para mostrar como, através da técnica, o homem buscou atender à uma necessidade sobretudo prazerosa e não utilitária. É supérfluo estar bem, mas para o homem é a sua necessidade fundamental, é a “necessidade das necessidades” (1977, p. 20). Isso é demonstrado no empenho do homem em não

apenas sobreviver, mas viver possibilitado pela produção do supérfluo pela técnica. Portanto, somente neste sentido, pode-se estabelecer a relação da técnica como via de realização de necessidades, quando estas sejam objetivamente supérfluas e que estejam em função do bem estar.

Com esta análise, encontra Ortega uma abordagem original ao tema que até então não fora estabelecido, ou seja, o vínculo entre as noções de homem, técnica e necessidade, sendo esta compreendida segundo os termos supracitados. A partir dessas considerações é que podemos identificar o objeto à qual se orienta a técnica como algo dinâmico e histórico, o que a torna algo dinâmico e variável, conforme o perfil daquilo que pretende realizar.

As criações de necessidades que acomete o homem, a fim de produzir objetos artificiais, bem como técnicas para sua satisfação, são mobilizadas conforme o próprio desenvolvimento das civilizações, de acordo com suas “narrativas biográficas”. Na sociedade contemporânea estas necessidades adquirem seu horizonte específico, relacionando

-se às novas tecnologias da informação e comunicação, que constituiriam uma nova circunstância, conforme discute Javier Echeverría, em seu artigo “Sobrenatureza de la información: la Meditación de la técnica a finales del siglo XX”<sup>3</sup>. Neste o autor utiliza-se de conceitos raciovitalistas para interpretar a sociedade informatizada, trazendo à luz a atualidade da obra orteguiana. No mundo contemporâneo, segundo o autor:

nos circundam diversas modalidades de sobrenatureza que suscitam em nós necessidades cada vez mais artificiais [...] o problema atual consiste em dominar, ou ao menos controlar, as sobrenaturezas geradas pelas ações tecnológicas [...] a novidade principal do século XX consiste em que a tecnologia transforma a sociedade, não só a natureza, e nem

sempre para o bem. Posto que muitas modalidades de sobrenatureza formam parte de nossa circunstância, o homem contemporâneo se sente mais dominado pela tecnologia que pela natureza. (ECHEVERRÍA, 2000, p. 20)

Se a técnica, como vimos, exige esta reforma na natureza, cabe precisar ainda mais a finalidade de sua ação. Segundo Ortega y Gasset, em última instância, “a técnica é, assim o esforço para poupar esforço ou, em outras palavras é o que fazemos para evitar por completo, ou em parte, as canceiras que a circunstância primeiramente nos impõe” (1977, p. 31). A complexidade da afirmação de que a técnica é um esforço para “poupar esforço”, que a princípio nos parece paradoxal, está em demonstrar qual o fim que se espera com aquilo que fica disponível, ou seja, o que foi poupado. É dado problemático por se tratar de uma condição *sine qua non* do homem a constante ocupação do viver. Este seria o momento da transcendência da vida orgânica, como conclui Ortega y Gasset:

No vão que a superação de sua vida animal deixa, dedica-se o homem a uma série de tarefas não biológicas que lhe são impostas pela natureza, que ele inventa para si mesmo. É precisamente a essa vida inventada, inventada como se inventa um romance ou uma peça de teatro, é ao que o homem chama de vida humana, bem-estar” (1977, p. 33).

Uma discussão antecede a questão da técnica caso se queira um incursão radical na sua definição. Segundo o próprio Ortega y Gasset toda a problematização quanto à noção de técnica será superficial se não a compreendermos a partir da perspectiva humana, e neste sentido o ponto inicial deva ser precisamente o esclarecimento quanto a relação estrutural entre o humano e a natureza. Nesta relação encontraremos revelado o fenômeno

<sup>3</sup> ECHEVERRÍA, Javier. Sobrenatureza y sociedad de la información. *Revista de Occidente*, Madrid, n. 228, mayo 2000, p. 19-32.

da técnica como fazer necessariamente humano. O homem se encontra no mundo, e esta é sua condição inevitável que nos leva a três possibilidades de interpretação em função das facilidades ou dificuldades que emergem dessa relação: na primeira o homem disporia apenas de facilidades da natureza, sendo assim não encontraria obstáculos para sua satisfação, o homem seria uma extensão do mundo; na segunda interpretação, de forma contrária a anterior, a natureza não ofereceria senão impedimentos à realização do homem, portanto uma relação adversa e conflituosa; na terceira possibilidade de interpretação haveria a presença das duas anteriores, e definiria o contato do homem com o mundo de forma complexa e dramática. Nesta “terceira via”, encontra Ortega y Gasset, a própria definição para o humano: “este fenômeno fundamental, talvez o mais fundamental de todos — isto é, que nosso existir consiste em estar rodeado tanto de facilidades como de dificuldades — dá seu especial caráter ontológico à realidade que chamamos vida humana, ao ser do homem” (1977, p. 37).

Este sistema de facilidade/dificuldade que alicerça a relação com a natureza não define a própria existência, mas seus indicativos à priori. Se o homem é forçado a relacionar-se com a natureza ou circunstância, o faz a partir de suas possibilidades abstratas e não de realidades prévias. Estas serão produzidas e conquistadas no momento do encontro e confronto com o mundo, instante em que o homem executa o seu projeto vital e faz a si próprio. Esta condição primeira que estipula a vigência do existir humano o diferencia da natureza a qual está submerso, e ao mesmo tempo guarda sua possibilidade de transcendência. Deste modo tem o homem conferida sua dupla condição, por um lado é parte da natureza, por outro, é extra natureza. Nestes termos é que Ortega y Gasset define o homem como sendo um “centauro ontológico”, e explica: “o que tem de natural se realiza por si mesmo/: não lhe é problema [...] Ao contrário, sua porção extranatural não é, evidentemente e sem mais, realizada, já que consiste,

como se sabe, numa mera pretensão de ser, num projeto de vida” (1977, p. 38). Pode-se identificar aquela extranaturalidade com o conceito atual de “virtual” como mostra Molinuevo:

o mundo da possibilidade, que vai além da realidade e das formas tradicionais de ocupar-se com ela, é o do virtual [...] é o mundo da metáfora. Como é sabido, a metáfora é para Ortega um modo de conhecimento que sobrepõe os limites do conhecimento científico e é também um modo de ser, esse mundo do virtual como mundo em que tudo é possível, e finalmente é um modo de existir, o da existência metafórica. (2000, p. 17)

Aportamos, assim, na ontologia antropológica orteguiana que define o atributo essencial do homem, ou seja, aquele que está a vir-a-ser, em contrapartida daquilo que é natural e que não está projetado para o futuro, pois já o é; e que se configura como um conjunto de imposições que ora facilitam, ora dificultam a realização do programa vital quando interpretadas à luz da pretensão humana.

Tem o homem a necessidade radical de atuar sobre a circunstância, o que significa dizer que supõe que irá produzir-se a si mesmo, ou então, “autofabricar-se”, num esforço continuado de vir a ser aquilo inventado. Na dimensão humana deste fazer/fabricar-se é que é definida a relação profunda do homem com a técnica: “o homem, na própria raiz de sua essência, encontra-se, antes que em qualquer outra, na situação do técnico” (1977, p. 44), diz Ortega y Gasset, que outorga à noção desta o próprio fundamento do agir humano.

A técnica refere-se a autofabricação do próprio homem, cumpre esta exigência primária deste imperativo em suas especificações vitais de constante quefazer, e neste sentido sua atuação exige um plano prospectivo. Sob esta condição

que o agir autêntico encontrará o solo para sua construção, absorvendo e transformando a natureza, incluindo-a neste encontro como ente junto à vida humana. Através deste encontro necessário do homem com a natureza, aquele exalta sobre esta um desígnio extranatural pela técnica, como bem assinala Ortega y Gasset:

O fato absoluto, puro fenômeno do universo que é a técnica, somente pode dar-se nessa estranha, patética, dramática combinação metafísica de que dois entes heterogêneos — o homem e o mundo — sejam obrigados a unificar-se, de modo que um deles, o homem, consiga inserir seu ser extramundano no outro, que é precisamente o mundo. Esse problema, quase de engenharia, é a existência humana” (1977, p. 46-47).

A teoria orteguiana nos remete à uma concepção de homem fundada na idéia de obra, e para isso se utiliza de expressões como: “construção”; “engenharia”; “fabricação”. A vida humana, neste sentido, é projeto arquitetônico, e seu telos é a escultura de si — objeto de arte, da *techné*, imbricada com um conjunto de intenções imaginárias, poéticas<sup>4</sup>. No horizonte de realização da vida humana surge a técnica na instância da execução. Se ela se define como o recurso para a atualização do programa vital, é portanto, posterior a este, como nos lembra Ortega y Gasset: “Ela [a técnica] por si não define o programa; quero dizer que a técnica lhe é prefixada a finalidade que ela deve conseguir. O programa vital é pré-técnico” (1977, p. 47).

À luz da argumentação exposta, podemos conceber a exata noção de como Ortega conduz a temática a um plano humanístico. Observando a sociedade de seu tempo, em que o progresso é definido como sintoma da evolução da técnica e sobreposição à natureza, o autor redimensiona a realidade e posiciona a vida humana ponto fulcral

da realização do ser. Contrapõe-se, deste modo, à perspectiva de compreensão da técnica como fim em si mesma, e a situa como um “procedimento” utilizada pelo homem, que é seu inventor e seu objetivo. Cabe mencionar que esta invenção inclui com ingrediente que a determina a própria realidade histórica, daí ser reconfigurada em cada época.

Se a técnica, com visto, é entendida aqui como instrumento que o homem se utiliza para realizar suas necessidades — inventadas no plano imaginário ou associadas a um núcleo primário de satisfações diretas — é mister a reflexão em torno a relação estabelecida com o desejo. Em outras palavras, o problema passa a gravitar sobre a seguinte questão: Qual o desejo fundamental e autêntico a qual a técnica servirá como via de atualização? Para esta análise o autor propõe um método hermenêutico, e buscará o significado profundo do próprio ato de desejar associado, como se encontra, ao seu objeto.

Os desejos estão associados ao ser inalienável do homem, estão intimamente relacionados àquilo projetado pelo homem, logo são dinâmicos, variáveis, e se dão em função do si-mesmo. Este si-mesmo a realizar, é por excelência o objeto do desejo. Em última análise, o desejo é para efetivar o si-mesmo, para realiza-lo, e “quando alguém é incapaz de desejar-se a si mesmo, porque não tem claro um si-mesmo que realizar, é evidente que não tem senão pseudo-desejos, espectros de apetites sem sinceridade nem vigor” (1977, p. 48). Neste ponto Ortega y Gasset consagra sua argumentação e fundamenta sua crítica à sociedade tecnocrática, identificando na raiz do auto conhecimento, na identidade mesma do homem, a problemática que se torna manifesta pela desorientação de finalidade que lastreia o agir técnico, como demonstra na seguinte passagem:

Talvez a doença básica de nosso tempo seja uma crise dos desejos e por isso toda a fabulosa potencialidade de nossa téc-

<sup>4</sup> Sobre este aspecto fundamental que caracteriza a vida humana como atividade “artística”, soube explorar perfeitamente uma de suas continuadoras da Escola de Madrid, María Zambrano.

nica parece como se não nos servisse de nada [...] o homem atual não sabe o que ser, falta-lhe imaginação para inventar o argumento de sua própria vida” (1977, p. 48-49).

A técnica se entrelaça no modo de ser do homem, está a seu serviço. Modo de ser variável na sua essência e criado por cada qual, cujas instalações o determinam vetorialmente no espaço e tempo. Um tipo concreto e paradigmático, apresentado como exemplo daquele que se projeta de forma extranatural para atender ao apelo de seu modo de ser é o gentleman. Ortega y Gasset o vê como produto histórico, a partir do desdobramento da aristocracia, e detentor da capacidade de exercer múltiplas formas práticas de conquista de vida. Tais formas práticas se referem às atividades lúdicas e desportivas, que se desvinculam da relação de satisfação imediata que a natureza pode oferecer.

Aquele é um exemplo concreto da capacidade técnica “nominal”, ou seja, orientada e deliberada por um plano criador e pessoal, no qual utiliza-se a inteligência para sua realização. Cabe notar que a noção de inteligência está vinculada à idéia de técnica, sobretudo quando associamos esta como recurso inventado para satisfação de necessidades - nesta perspectiva a inteligência humana se faria comum ante as dos animais, que notoriamente não participam desta mesma categoria. A inteligência não traz em si o fim de um procedimento técnico, mas é via de operação que está em função daquilo que a precede, ou seja, um projeto delineador vital inventivo, como nos mostra Ortega y Gasset:

a inteligência, por mais vigorosa que seja, não pode tirar de si mesma sua própria direção; não pode, portanto, chegar a verdadeiros descobrimentos técnicos. Ela, por si, não sabe quais, entre as infinitas possibilidades que se pode “inventar”, convêm preferir, e se perde em suas infinitas possibilidades. Somente numa entida-

de onde a inteligência funciona a serviço de uma imaginação, não técnica, mas criadora de projetos vitais, pode constituir-se a capacidade técnica (1977, p. 69).

Não há uma técnica exclusiva e paradigmática, que carregue um sentido ideal de eficácia, no sentido em que esta deverá estar subordinada àquilo que a precede. Não obstante, existem técnicas que têm possibilidades de corresponder ou não ao sentido último de realização posto por diferentes orientações. Ao tecer esta conclusão, Ortega tem o objetivo expresso de evidenciar sua crítica à adesão massificada ao modelo de técnica “euro-norte-americana”, vigente e hegemônico, contra o qual defende a relativização de seus procedimentos e objetivos em função do projeto humano específico.

Para uma compreensão mais integral do desenvolvimento da técnica e seu significado na genealogia humana, Ortega nos oferece um mapeamento “antropológico”, dividindo-a historicamente em estádios de evolução, a saber: a técnica do acaso; a técnica do artesanão; a técnica do técnico, os quais passamos a descreve-los.

A técnica do acaso é pertencente aos grupos primitivos. Não é percebida como ação técnica propriamente dita, ou seja, possuidora de capacidade de transformação a partir de um objetivo prévio, mas por outro lado, é assumida como um evento natural. O conjunto de atos técnicos é aceito como pertencente ao repertório das ações naturais fixas neste estádio da técnica. Além disso, é exercida de maneira coletiva, não havendo assim a relação de peculiaridade da figura do especialista - salvo a divisão das atividades em gênero, nas quais mulheres ou homens têm sua especificidade. Porém o que mais caracteriza este estádio é a incapacidade do homem sentir-se inventor, *homo faber*. Significa dizer que ao homem primitivo lhe escapa a noção de prospecção, e sua técnica/acaso adquire uma relação estreita com a magia, pois surge à revelia de suas intenções para depois se estabelecer como hábito.

No segundo estágio de evolução encontra-se a técnica como artesanato. Situada na antiga Grécia, Roma pré-imperial, e no período medieval, tem como característica a tomada de consciência da especificidade das ações técnicas, porém identificando-as com o próprio homem que a efetua, ou seja, o artesão. Nesta sobreposição da técnica e de seu artífice, aquela se encontra como que fixada na natureza mesma deste. Ademais, ainda não dispõe da consciência da técnica na sua função de invenção projetiva, pelo fato de se prender na tradição e na reprodução daquilo que já está consolidado, como pauta para suas realizações técnicas. O bom artesão é o que melhor mantém intactos esses preceitos de reprodução, e o faz através de instrumentos que não atuam por si mesmo, como é o caso das máquinas que viriam caracterizar o próximo estágio. O artesão também se caracteriza pelo fato de concentrar de forma unívoca os papéis de inventor e executor, sendo que nesta divisão encerra-se a ação técnica apenas na primeira instância, enquanto a segunda seria designada pelo "operário". Esta dissociação, bem como o advento da máquina é um dos fatores que possibilitam a projeção para o estágio da técnica do técnico.

O estágio da técnica do técnico é marcado sobretudo pela consciência que este assume frente àquela, ou seja, que é um conjunto de recursos não fixo e que está em função de um projeto, e que se mostra ilimitada. Cabe mencionar que esta consciência está atrelada à própria imagem do homem liberal moderno, e da perspectiva histórica em que se encontra travestida da noção de progresso material e racional. O advento da máquina - séc. XIX com o tear de Robert -, como mencionado, redireciona a posição do homem como protagonista da técnica, ao mesmo tempo em que lhe possibilita a consciência de seus limites, demarcando assim a transição do estágio da técnica como *techné*, como nos assinala Ortega: "No artesanato o utensílio ou ferramenta é somente suplemento do homem. Este, portanto o homem com seus atos 'naturais', continua sendo o ator principal. Na má-

quina, ao contrário, passa o instrumento para o primeiro plano e não é ele quem ajuda ao homem, mas ao contrário: o homem é quem simplesmente ajuda e suplementa a máquina" (1977, p. 82).

A marca radical deste estágio, vigente na primeira parte do século XX na Europa, é a noção intrínseca de "ilimitação" da técnica. Neste sentido, a crença se deposita na idéia de que a técnica não é mais um recurso dado que se confunde com a própria natureza - como no caso entre os primitivos - e, tampouco, que ela se identifica com o próprio executor, apresentado na figura do artesão, mas via de criação ilimitada. O que se, de pronto pareceria algo emancipador, mostrou-se paradoxalmente como um problema, no qual o homem passou a ter dificuldade de definir-se, como salienta Ortega: "[...] o homem está hoje, em seu âmago, atordoado precisamente pela consciência de sua principal ilimitação. É talvez isso contribuiu para que já não se saiba quem é - porque ao achar-se, em princípio, capaz de ser tudo o que é imaginável, já não sabe que é o que efetivamente é" (1977, p. 82). Aqui começa o niilismo, na medida em que o homem aliena-se na crença infundável no que a técnica pode lhe proporcionar, como conclui:

[...] a técnica, ao aparecer por um lado como capacidade, em princípio ilimitada, faz que ao homem, posto a viver de fé na técnica e somente nela, fique com sua vida vazia. Porque ser técnico e somente técnico é poder ser tudo e, conseqüentemente, não ser nada determinado. [...] Por isso estes anos em que vivemos, os mais intensamente técnicos que houve na história humana, são dos mais vazios. (1977, p. 85)

O estágio do homem contemporâneo, condiz a um modo de ser que, quando relacionado com a natureza suplantada pela técnica, o incapacita de discernir aquilo que é resultado de transformação. O invólucro da natureza se prende em seu tecido e o homem não a percebe, a sobrena-

tureza se torna natureza. O conceito de sobrenatureza implica em uma reflexão cujo objeto incide precisamente nas conseqüências do uso da técnica. A circunstância em forma de objetos criados pela técnica, que já não provoca admiração, mostra-se como “uma primeira paisagem artificial tão espessa que oculta a natureza primária atrás dele, [e o homem] tenderá a acreditar que, como esta, tudo aquilo está aí por si mesmo” (1977, p. 88). O resultado, assinala Ortega, é a possibilidade de perda da consciência desta realidade como algo modificado pela técnica - uma aproximação comprometedora com a própria perspectiva do homem primitivo sobre a natureza. É o paradoxo em que a técnica promove, a liberdade sobre a necessidade desencadeando a negação da consciência. No encontro desta sublevação do técnico em detrimento do humano, dá-se ainda o fenômeno da máquina como atributo em si mesma, como afirma: “a máquina abandona em última instância o homem, artesão. Não é já o utensílio que auxilia ao homem, mas ao contrário: o homem fica reduzido a auxiliar a máquina” (1977, p. 89).

No processo de “modernização” dos estádios, a técnica submete-se à condição da invenção. Para se inventar há de se dispor da técnica a priori, e isso conduz ao tecnicismo, ou seja “o método intelectual que opera na criação técnica” (1977, p. 90). Ao analisar a expressão *tecnicismo*, em particular em sua versão moderna diferente de suas formas anteriores, Ortega considera sua aparição radicada na mesma matriz em que surgiu a física, e no renascimento adquire perfil definitivo. Trata-se, antes de tudo, de um comportamento em que o homem esgota-se na dimensão do ofício. Cabe lembrar do apogeu das Escolas de Ofício no século XV, e de sua valorização como modo de credenciamento social, para aqueles - sobretudo filhos da alta burguesia - distantes da educação das “letras”. O chamado “homem de oficina” é, sobre vários aspectos aquele inventor que opera sobre a natureza como seu artífice, posto crer ser conhecedor de sua estrutura - mecânica - última.

Deste modo esta forma de tecnicismo nasce juntamente com a ciência moderna, seu parentesco é estreito e se dá no confronto com a matéria. Interpelação pragmática, e que se alicerça na produtividade e quantificação. Contra essa tendência, sugere Ortega o seguinte: “[...] a vida humana não é somente luta com a matéria, é também luta do homem com sua alma. Que quadro pode a Euramérica [sic] opor a esse como repertório de técnicas da alma? [...]” (1977, p. 100).

As discussões trazidas pelas “meditações” orteguianas relacionadas à técnica teriam vigência em uma sociedade tecnológica informatizada como assinala José Luis Molinuevo, em seu artigo intitulado “Ortega y la posibilidad de un humanismo tecnológico”. Neste o autor sustenta que o principal ponto de convergência da teoria orteguiana com a problemática atual relacionada à tecnologia, reside na concepção da própria realidade, quando esta é definida em termos prospectivos, conforme assinala: “esta inserção que faz Ortega da técnica em um projeto vital pretécnico, o da vida como possibilidade, significa situarmos na que é a categoria central das novas tecnologias: a realidade como possibilidade” (MOLINUEVO, 2000, p. 08). Decorrem deste pressuposto algumas conseqüências que tornam a abordagem orteguiana atual na leitura da sociedade tecnológica: a idéia de que a circunstância artificializada assume um caráter de sobrenatureza, ou seja, um simulacro, e com este mundo recriado - virtual - é que o homem coexiste; a relação da técnica com o desejo, que manifesta a determinação emocional na produção racional; a relação da técnica com o plano estético, no sentido em que o *telos* do bem-estar ocupa a prioridade sobre a realidade. Também se pode identificar na análise sobre a “técnica do técnico” (como já mencionado, o estágio do homem moderno), elementos que expõem a crise humanista contemporânea frente as novas tecnologias, como bem mostra Molinuevo:

O ponto de partida é o estágio da “técnica do técnico”, em que o mundo, a

natureza ou a circunstância não têm um caráter físico, mas que são campos pragmáticos, um conjunto de possibilidades ou de dificuldades, em que as coisas não são res, mas pragmata, ou seja, coisas não feitas mas sendo, fazendo-se, por fazer. Esta dialética entre possibilidade e realidade é o suporte das novas tecnologias. (2000, p. 16)

### 3. A ciência e a crise histórica: os “bárbaros especialistas”

A preocupação com a temática da ciência é recorrente no pensamento de Ortega desde a sua primeira estadia na Alemanha, período em que estudara com Wundt, em Leipzig, e demonstrou interesse por fisiologia e matemática, bem como, posteriormente em Marburgo, no ambiente neokantista. As principais obras que abordam a ciência a partir do enfoque histórico-sistemático fazem parte da *segunda navegação*, e datam da década de quarenta, particularmente *Em torno a Galileu* (1940) e *A Idéia de princípio em Leibniz* (1946). Porém o problema aparece abordado já em 1929, à luz de elementos da razão histórica, na obra *Rebelião das massas*, em especial na reflexão sobre o advento do homem da ciência chamado de *bárbaro especialista* – protótipo daquele que posteriormente será explorado como o tecnocrata -, e os desdobramentos de sua intervenção no contexto social e político.

O conteúdo de *Rebelião das massas*, já havia sido traçado em obras como *Espanha invertebrada*, *O homem na defensiva*, e em *A desumanização da arte*. Textos em que podemos encontrar traços de sua crítica ao homem moderno emergente que se caracteriza por uma peculiar relação com o paradigma de inautenticidade e representa o “invasor bárbaro”. A obra tem o fito de explorar as conseqüências na Europa ocidental ocorridas com o predomínio do homem-massa. Conceito de muita controvérsia, o *homem-massa*,

é para Ortega aquele que se contrapõe à vida nobre – no sentido moral -, e se apresenta sob três faces: o *homem-satisfeito*; o *jovem mimado*, e o *bárbaro especialista*. Todos como manifestações resultantes da combinação da técnica moderna com a democracia liberal, assim como, expressão da crise histórica. Para nosso propósito nos deteremos na figura do *bárbaro especialista* para buscar identifica-lo com o técnico anti-humanista esboçado no item anterior.

O homem-massa é resultado da civilização do século XIX, e a forma como fora produzido é tema do capítulo XII da *Rebelião das massas*, intitulado: “A barbárie do ‘especialismo’”. Neste tópico encontram-se importantes considerações sobre o tema da técnica, enfatizando a científica, e sua relação com a ocorrência do homem-massa.

De acordo com Ortega y Gasset “a técnica contemporânea nasce da copulação entre o capitalismo e a ciência experimental” (1957, p. 163). Está se referindo à técnica científica, estabelecida em solo europeu, associada à idéia de progresso ilimitado e de constante evolução. Em função desta modalidade técnica juntamente com a democracia liberal do século XIX, pôde a população européia crescer quantitativamente como nunca em sua história e deflagrar o fenômeno do homem-massa. Porém o conceito não se limita ao aspecto quantitativo, ou sobre determinada classe social, mas antes a uma disposição do homem perante a vida. Um determinado homem de ciência se destaca neste panorama como protagonista de um “poder legítimo”. Ortega y Gasset nos põe claro, por meio de indagações sucessivas e patentes, a origem do sujeito desse poder:

Quem exerce hoje o poder social?  
Quem impõe a estrutura de seu espírito na época? Sem dúvida, a burguesia.  
Quem dentro dessa burguesia, é considerado como o grupo superior, como a aristocracia do presente? Sem dúvida, o técnico: engenheiro, médico, financista, professor, etc., etc., Quem dentro

do grupo técnico, o representa com maior altitude e pureza? Sem dúvida, o homem de ciência. (1957, p. 164)

○ homem de ciência configura-se como o modelo mais exato do homem-massa, e isso ocorre automaticamente em função da própria estrutura e dinâmica da ciência ocidental, que “faz dele um primitivo, um bárbaro moderno” (ORTEGA Y GASSET, 1957, p. 165).

Em um breve esboço histórico sobre a ciência experimental, o autor nos lembra que sua origem se deu precisamente com Galileu, sua constituição com Newton, e seu desenvolvimento em meados do século XVIII, e insiste na distinção entre a *constituição* e o seu *desenvolvimento*. Aquele é caracterizada por integrar e unificar saberes e técnicas, enquanto este, o *desenvolvimento*, tem de peculiar a necessidade de especialização daqueles que produzem e operam a ciência. Note-se que Ortega y Gasset distingue a ciência de seus agentes e salienta que o progresso dessa não inclui a sua fragmentação em campos intelectuais mais exíguos: “Para progredir, a ciência necessitava que os homens de ciência se especializassem. Os homens de ciência, não ela mesma. A ciência não é especialista. *Ipsa facto* deixaria de ser verdadeira. [...] Mas o trabalho nela sim tem - irremediavelmente - que ser especializado” (ORTEGA Y GASSET, 1957, p. 165-166). Essa distinção se faz importante para a compreensão da origem e *modus operandi* dos atos técnicos da ciência, e de como seu processo de desenvolvimento torna cada vez mais afastado o universo de conhecimento especializado da própria cultura em sentido amplo.

A Europa do século XIX é o palco do desenvolvimento da noção de especialização. Ortega y Gasset, dividindo este período em três gerações, sintetiza da seguinte maneira seu decurso: seu início se dá quando o homem civilizado é identificado à figura do enciclopédico; na segunda geração aquele sujeito detentor de saberes começa a sepa-

rar seu conhecimento específico do todo; a terceira geração, na última década, terá enfim o homem especialista. Esse “tipo de científico”, e que pertence à classe de poder, é aquele que esgotará seu conhecimento a uma pequena parcela da realidade, defendendo que o contrário, ou seja, o saber integral, está descompassado com a sua “verdadeira” função, criando assim uma hierarquia valorativa que consagra a imagem do especialista. Este é o panorama e a consolidação histórica a que chegamos por definitivo no início do século XX. Esse processo foi e é possível segundo o autor pelo seguinte:

A ciência experimental progrediu em boa parte à mercê do trabalho de homens fabulosamente medíocres, e ainda menos que medíocres. Isto é, que a ciência moderna, raiz e símbolo da civilização atual, dá acolhida dentro de si ao homem intelectualmente médio e lhe permite operar com bom êxito. A razão disso está no que é, igualmente, vantagem maior e perigo máximo da ciência nova e de toda a civilização que esta dirige e representa: a mecanização. [...] a firmeza e exatidão dos métodos permitem esta transitória e prática desarticulação do saber. Trabalha-se com um desses métodos como uma máquina, e nem sequer é forçoso para obter abundantes resultados possuir idéias rigorosas sobre o sentido e fundamento deles. (ORTEGA Y GASSET, 1957, p. 167)

○ especialista, portanto, categoria ímpar na história, é integrante de uma classe de homens que concentra o dualismo do saber qualificado, específico, porém, desenraizado e desconectado do todo, o que resulta em radical ignorância e primitivismo. ○ que é mais danoso, e que irá de fato torná-lo homem-massa, não é a especialização em si, mas antes, a satisfação e valorização desta limitação; bem como, o comportamento “legiti-

mado” pelo status de sua condição, para emitir juízos sobre questões que verdadeiramente ignoram, sem a consciência de sua efetiva incompetência, posta sua indisposição à submissão. Neste contexto, os especialistas, como adverte Ortega y Gasset: “simbolizam e em grande parte constituem, o império atual das massas, e sua barbárie é a causa mais imediata da desmoralização européia” (1957, p. 169).

A relação entre ética e técnica, predominante em *Meditação da técnica e Rebelião das massas*, se converge na noção de *crise do desejo*, conforme o exame de Pedro Luis Moro Esteban<sup>5</sup>. Esse tema encontra lugar central nestas duas obras ao expressar a impossibilidade paradoxal do homem contemporâneo de desejar autenticamente. O desejo nihilista, irresoluto e atônito do homem que se situa nas primeiras décadas do século XX em uma Europa despersonalizada, com figuras que representam cada mais o naufrágio perante o seu quefazer vital. Segundo Moro Esteban nas duas obras orteguianas supracitadas, pode-se perceber a tese de que:

o homem médio procedeu a naturalizar aquilo que por contrário é produto da técnica; ou seja, de sua sobrenatureza e de sua perícia como construtor de tecnologia. Portanto, esse mesmo homem indócil à imaginação que o humaniza e à razão histórica que conserva criticamente o legado da memória, se vê inserido a uma pseudo-estética: a de consumidor passivo [...]. (2001, p. 218)

Ainda conforme Moro Esteban em *Meditação da técnica*, Ortega teria consagrado o tipo humano que desenhara em 1929, e que teria características da *vida nobre*, por ora indicada como a atitude do *gentleman*, isto é, o reverso do homem-massa. Segundo o autor essa tipologia da nobreza do espírito jovial, marcada pela disciplina e reconhecimento dos deveres, quando refleti-

da à luz da ontologia da técnica, indicaria sobretudo o ideal de eticidade, como nos mostra: “O *gentleman* é o exemplar no que se engendra a virtuosidade do técnico como jogo limpo, isto é, como apoderamento do supérfluo conduzido pelo imperativo de não mentir. Este *ethos* da sinceridade reduz as leis a um *minimum* dado o nível de autoexigência imposto” (2001, p. 220). Mesmo que Ortega não tenha esgotado na idéia do homem nobre o exemplo de moralidade, a não ser como contraponto ao homem-massa, o que se destaca é o seu pessimismo quanto ao fetichismo da técnica e o anulamento da vida. Mediante essa crise, que em última instância é da própria definição de homem, o autor aponta para um humanismo estético, concluindo que:

Se fosse possível um novo humanismo chamado a preencher esses vazios haveria de acontecer por imprimir a ilusão no desejo, de modo que o possibilismo [sic] característico de nossa atual circunstância possa ser dirimido através de uma racionalidade cordial. Isto é, através de uma razão na que o desejo se nutra da imaginação e fantasia, a partir de uma sensibilidade que permita levar as coisas a sua plenitude [...] a atitude estética precisa de uma atitude técnica capaz de lavar até sua realização aquele desejo de plenitude originário. (2001, p. 221).

## Considerações finais

Ortega y Gasset nos traz à luz um tratamento atual sobre a temática da técnica para o mundo contemporâneo quando assinala para a desumanização da cultura tecnológica. Por meio de uma reflexão genealógica, buscando compreender a técnica como um elemento que compõe a própria dimensão humana na via de realização do

<sup>(5)</sup> La crisis de las masas a la luz de meditación de la técnica. *Revista de Estudios Ortegaianos*, Madrid, n. 02, 2001, p. 215-222.

programa vital, o autor recupera o seu sentido ético. Nos toca em particular o aspecto da concepção de homem como ser “inventivo” e dramático, e nesta condição, a própria idéia de *realização* reorienta o significado de realidade. Suas análises que levam à tona a crise dos desejos resultam em uma sóbria e pessimista caracterização do homem moderno, e adverte para a ausência de humanismo, um humanismo vital e histórico.

### Referências Bibliográficas

- ECHEVERRÍA, Javier. Sobrenaturaliza y sociedad de la información: la Meditación de la técnica a finales del siglo XX. *Revista de Occidente*. Madrid, n. 228, p. 19-32, mayo de 2000.
- MITCHAM, Carl. La transformación tecnológica de la cultura y la crisis de los deseos. *Revista de Occidente*. Madrid, n. 228, p. 33-52, mayo de 2000.
- MOLINUEVO, José Luis. Ortega y la posibilidad de un humanismo tecnológico. *Revista de Occidente*. Madrid, n. 228, p. 5-18, mayo de 2000.
- MORA, J. Ferrater. *Dicionário de Filosofia* (4 vols.). São Paulo: Loyola, 2000.
- MORO ESTEBAN, Pedro Luis. La crisis del deseo. La rebelión de las masas a la luz de Meditación de la técnica. *Revista de Estudios Orteguianos*. Madrid, n. 02, p. 215-222, mayo de 2001.
- ORTEGA Y GASSET, José. *Meditación de la técnica: y otros ensayos*. 7. ed. Madrid: Revista de Occidente, 1977.
- \_\_\_\_\_. *Meditação da técnica: vicissitudes das ciencias, cacofonia na física*. Trad. e prólogo de Luis Washington Vita. RJ: Ibero Americano, 1963.
- \_\_\_\_\_. *Meditações do Quixote*. São Paulo: Livro Ibero-Americano, 1967.
- \_\_\_\_\_. *Obras completas* (XII vols.). Madrid: Revista de Occidente y Alianza, 1983.
- \_\_\_\_\_. *O homem e a gente: intercomunicação humana*. Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano, 1973.
- \_\_\_\_\_. *Que é filosofia?* Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano, 1961.
- QUINTANILLA, Miguel A. La tecnología como paradigma de acción racional. *Revista de Occidente*. Madrid, n. 228, p. 53-74, mayo de 2000.
- SCHEPS, Ruth (org.). *O império das técnicas*. Campinas, SP: Papyrus, 1996.
- MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. 5. ed. RJ: Bertrand Brasil, 2001.

